



Chiyojo: reflexões sobre as mulheres e a escrita no Japão moderno¹

Chiyojo: reflections on women and writing in Modern Japan

Karen Kazue Kawana²

Resumo: O presente artigo examina como as questões sobre a identidade e a escrita de autoria feminina no Japão moderno se refletem no conto *Chiyojo*, escrito por Osamu Dazai em 1941.

Palavra-Chave: Literatura japonesa, Osamu Dazai, Nova Mulher, Narradoras, Chiyojo.

Abstract: The present paper examines how the questions on female identity and writing by women in Modern Japan are reflected in the short story *Chiyojo* written in 1941 by Osamu Dazai.

Keywords: Japanese literature, Osamu Dazai, New Woman, Female narrators, Chiyojo.

Osamu Dazai (1909-1948) nasceu na província de Aomori, nordeste do Japão. Sua escrita, com toques irônicos, revela um espírito inconformado, que se sente desconfortável em observar as convenções sociais. Tentativas de suicídio, vício em narcóticos, doenças e amantes são elementos autobiográficos que permeiam várias de suas obras e lhe dão uma aura de *enfant terrible*.

Seus romances *Pôr-do-Sol* (*Shayô*, 1947) e *Declínio de um Homem* (*Ningen Shikkaku*, 1948) são considerados obras-primas do período moderno no Japão e foram traduzidos para diversas línguas. Dazai também escreveu inúmeros contos e, em vários deles, emprega narradoras que se expressam em primeira pessoa, algo raro para a época, uma vez que a maioria das figuras femininas dos textos de seus contemporâneos é descrita pelo exterior, representando figuras etéreas e objetos de desejo masculino, enquanto as narradoras de Dazai são sensíveis e dizem o que pensam.

Em *Chiyojo* (DAZAI, 1941), o texto é narrado por Kazuko, uma jovem de dezoito anos que mora em Tóquio com os pais e um irmão mais novo. Ela conta como um acontecimento banal atinge grandes proporções e afeta a sua vida.

Quando tinha doze anos, seu tio Kashiwagi a incentiva a enviar uma de suas composições para uma revista literária. Ela fica em primeiro lugar entre as contribuições

¹ O presente artigo é derivado da dissertação "Reflexões sobre a mulher no Japão e nas obras de Osamu Dazai" defendida em novembro de 2015 para a obtenção do título de Mestre em Língua, Literatura e Cultura Japonesa pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

² Mestre em Língua, Literatura e Cultura Japonesa pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

dos leitores, é publicada e recebe muitos elogios de um professor renomado. Sua surpresa é enorme, pois ela não via nada demais em sua composição, simplesmente escrevera sobre o dia em que seu pai a incumbira de comprar cigarros. Eram cinco pacotes verdes de cigarro, ela pediu que um deles fosse trocado por um pacote vermelho, empilhou-os sobre a palma de sua mão colocando o pacote vermelho por cima, e se emocionou, pois, observando-os, era como se segurasse uma prímula.

Esse sucesso deixou seu tio entusiasmado e ele sugere que ela envie mais uma composição para a revista. Ela o faz e, desta vez, a composição é publicada na primeira página em letras grandes e o mesmo professor que a elogiara antes escreve uma crítica ainda maior. Seu professor transcreve a composição inteira na lousa durante a aula. Kazuko fica envergonhada e se pergunta como os adultos poderiam apreciar seus textos, que haveria de bom neles? Em sua opinião, eles eram infantis e sem graça. Depois desse seu novo sucesso, ela se torna conhecida na escola e seus tormentos têm início. Sua melhor amiga se afasta e suas colegas a ridicularizam. Ela se arrepende de ter ouvido seu tio e passa a evitar escrever a todo o custo.

A decisão de Kazuko e a reação de suas amigas parecem infantis, afinal, que mal haveria em escrever? No entanto, é preciso entender o que significava ser uma escritora no Japão até o início do século XX.

Murasaki Shikibu (973?-1014?) cortesã do período Heian (794-1185), escreveu as *Narrativas de Genji*³ (*Genji Monogatari*) considerado o primeiro grande romance da literatura mundial. Além desse exemplo, os diários e textos de outras cortesãs e nobres do período – como o *Diário da Libélula* (*Kagerô Nikki*, 974), *O Livro de Cabeceira* (*Makura no Sôshi*, 1002) e *O Diário de Sarashina* (*Sarashina Nikki*, 1020-1059) – deixam claro o fato de que a escrita de autoria feminina no Japão tem uma tradição antiga.

No entanto, com o estabelecimento do feudalismo no período medieval, especialmente no período Edo (1603-1868), o sistema social baseado no neo-confucionismo, que valorizava a hierarquia e estabelecia regras sociais rígidas, em geral, terminou por confinar as mulheres no interior da casa na condição de esposas e mães.

Mesmo com o fim do feudalismo, após a Revolução Meiji (1868), a posição feminina permaneceu subalterna, o governo japonês passou a difundir a ideia de que as mulheres deveriam seguir os preceitos do *ryôsai kenbo*, ou seja, ser, literalmente, “boas esposas e mães sábias”, para colaborar com o progresso do país (UNO, 1993). As mulheres eram definidas como administradoras do lar e responsáveis pelos cuidados com os filhos. Desde o final da década de 1890 até o final da Segunda Guerra (1939-1945), a

³ Escrito no início do século XI.

expressão *ryô sai kenbo* era amplamente difundida e fazia parte do discurso oficial sobre o papel das mulheres no Japão.

Apesar dessa ideologia e de um Código Civil que restringia seus direitos, as mulheres voltam a se expressar por meio da escrita estimuladas pelos movimentos de promoção de direitos humanos e pelas ideias de modernização promovidos após a Revolução Meiji. Há um maior acesso à educação a partir do final do século XIX e o número de intelectuais que questionam a posição feminina e buscam uma nova identidade para as mulheres aumenta a partir de então.

O termo “Nova Mulher” (*atarashii onna*), empregado para designar uma mulher de ideias progressistas e que rompia com as normas sociais estabelecidas, ganhou popularidade no Ocidente a partir de 1890 e passou a ser empregado pelos jornais e revistas japonesas na década seguinte. Enquanto a intelectualidade celebrava seu advento, os mais conservadores diziam que ela não passava de uma figura degenerada e nociva.

Em 1911, a formação do grupo *Seitô* marcaria o início da discussão sobre a Nova Mulher no Japão. Ele era composto por mulheres instruídas que se recusavam a se tornar “boas esposas e mães sábias” e sua revista foi a primeira escrita e publicada exclusivamente por mulheres. O nome era uma tradução literal do termo “*bluestocking*” (meia azul) dos *bluestocking clubs*, nome dado aos salões literários da Inglaterra organizados por mulheres no final do século XVIII. Os *bluestocking clubs* permitiam que elas participassem de discussões e trocas intelectuais no mesmo nível que os homens. O termo também ganhou conotações negativas para designar mulheres excêntricas e pretensiosas, mas Raichô Hiratsuka (1886-1971), sua editora, apreciava essa duplicidade do termo, pois considerava a si e às suas colegas como mulheres pouco convencionais.

Segundo Dina Lowy (2007), alguns intelectuais como Tôkoku Kitamura (1868-1894) e Chogyû Takayama (1871-1902) transformavam o discurso de sacrifício pessoal em nome da nação em uma busca pela autoconsciência e satisfação do interesse pessoal. Ou seja, seu pensamento daria ênfase ao indivíduo e à sua busca pessoal, o que tornava a atmosfera propícia para o debate sobre a Nova Mulher. O conceito de individualismo era muito valorizado pelos literatos, pelo movimento romântico japonês entre 1880 e 1890 e também pelos naturalistas entre 1900 e 1910. O movimento naturalista pregava a busca pela verdade e pelo individual, pela autodescoberta e, para isso, os escritores recorriam a descrições detalhadas do mundo ao seu redor e de si mesmos. A literatura se transformava, assim, em bastião do individualismo em face do apelo pelo coletivo que o governo procurava inculcar na sociedade.

Ainda segundo Lowy (2007, p. 6, tradução nossa), “os homens naturalistas e as mulheres do grupo *Seitô* tinham muito em comum: a busca de um despertar interior e de liberdade pessoal, bem como o desejo de mudança social.” No entanto, esses homens e mulheres tinham objetivos diferentes. Os primeiros pretendiam se afastar da sociedade, recolher-se a si mesmos, enquanto as mulheres desejavam fazer parte dela.

Na primeira edição da revista *Seitô*, Hiratsuka escreve: “No início, a mulher era realmente o sol. Ela era uma pessoa de verdade. Agora, a mulher era a lua. Uma pálida e fraca lua que vive por meio dos outros, refletindo a luz dos outros.” (1911 apud LOWY, 2007, p. 10, tradução nossa).

Ela evoca a imagem da deusa Amateratsu – associada ao sol no xintoísmo e da qual a linhagem imperial japonesa descenderia – e revela sua insatisfação com a condição da mulher em sua época: subalterna, sem luz própria. A luz deveria ser recuperada. As mulheres deveriam liberar a si mesmas antes de tentar mudar a sociedade.

Na mesma edição da revista, Akiko Yosano (1878-1942), escritora e poeta, escreve o seguinte poema:

O dia em que as montanhas se movimentam chegou.
Apesar disso, ninguém acredita em mim.
As montanhas permaneceram adormecidas por muito tempo,
Mas, no passado, todas elas dançavam em fogo.
Não me importo se não acreditam nisso.
Mas, por favor, acreditem:
Todas as mulheres adormecidas estão despertas e em movimento.
(YOSANO, 1911 apud LOWY, 2007, p. 1, tradução nossa)

Yosano compara as mulheres às montanhas e se refere a um passado no qual elas eram respeitadas por seus talentos literários e intelectuais. Agora era o momento de as mulheres deixarem a letargia à qual foram relegadas e se tornarem ativas outra vez.

Apesar de ser fundada como uma revista literária, a *Seitô* se transformaria em um fórum de discussões e debates sobre questões femininas que iam desde o casamento e o sistema familiar até o aborto, a prostituição e o socialismo. As discussões às vezes se estendiam por vários números. Além das respostas escritas, o grupo também organizava palestras, permitindo, assim, que algumas mulheres expressassem suas ideias em público.

Quando educadores e intelectuais encorajavam as mulheres a escrever no final do século XIX, eles esperavam que novas Murasaki Shikibus, de escrita elegante e refinada, surgissem. Seus textos permitiriam que as pessoas pudessem vislumbrar a alma feminina. Eles expressariam gentileza, bem como modéstia, altruísmo, sensibilidade e devoção à família e ao lar. Seus textos deveriam se restringir a assuntos como a psique feminina, a maternidade e outras características relacionadas às mulheres (LIPPITT; SELDEN, 1991, xiv). As escritoras serviriam de modelo, fazendo com que os homens as admirassem por seu caráter e também inspirando outras mulheres a imitá-las. Elas teriam o papel de promover a elevação moral do país.

As mulheres que se aventuravam a escrever algo mais original, entretanto, de cunho intelectual ou abstrato, logo descobriam que esse simples ato tornava-as vítimas de preconceito. Em geral, para a crítica, na qual o ponto de vista masculino prevalecia, escrever não era considerada uma atividade séria quando executada por mulheres, apenas uma frivolidade, um capricho a que se entregavam como quando faziam arranjos florais. Considerava-se que, enquanto os homens se esforçavam para escrever uma página, as mulheres escreviam para se distrair (COPELAND, 2006, p.1-20). Era uma ocupação de donas de casa enfadadas.

A universalização do ensino, o nivelamento das distinções sociais e o aumento da circulação de periódicos e revistas possibilitaram que mais mulheres se dedicassem às letras nas duas primeiras décadas do século XX. Elas eram chamadas de “mulheres escritoras” (*joryû sakka*), uma categoria que reunia escritoras dos mais variados níveis sociais e com os mais diversos interesses, pois, acima de tudo, elas eram classificadas pelo seu sexo sem maiores distinções. E, como mulheres, ainda se esperava que seus textos expressassem sua feminilidade, ou aquilo que os homens consideravam ser características desejáveis nas mulheres.

Os críticos consideravam-nas presunçosas por se julgarem capazes de escrever tão bem quanto os homens:

Falta originalidade às mulheres. E esse é o caso quando elas escrevem ficção. Elas são imitadoras consumadas! Os macacos imitam os seres humanos. E, como eles, as mulheres apreciam as atividades imitativas. Mulheres superficiais são presunçosas o bastante para acreditar que possuem a originalidade exigida para escrever ficção. [...] Elas deveriam tentar fazer o que os homens

fazem apenas quando parassem de menstruar. (OGURI et al., 1908 apud COPELAND, 2006, p. 37, tradução nossa)

As escritoras eram criticadas quando procuravam se igualar aos homens e, na discussão do artigo publicado em um exemplar da revista *Shinchô* (*Nova Onda*) de 1908, cujo trecho citamos acima, os interlocutores, todos anônimos, acreditavam que as mulheres escreviam por vaidade e por isso nunca o fariam bem, enquanto os homens escreviam para comer e sobreviver.

As críticas masculinas ao comportamento feminino eram mordazes. As intelectuais do período eram ridicularizadas por se porem a discutir sobre os mais variados assuntos e terem hábitos considerados pouco femininos como beber e vestir roupas diferentes. Quando uma mulher não se limitava a viver confinada em casa e a cuidar da família, ela era considerada pouco feminina.

Escritoras como Akiko Yosano denunciavam esse tipo de opinião, ela revelava a mentalidade antiquada dos japoneses, própria de pessoas que temiam mudanças e negavam que houvesse evolução. O conceito do feminino, afinal, não era algo estático:

Qual é realmente a natureza da “feminilidade”? Em nosso país, se uma mulher rompe com as convenções, ela é criticada por falta de feminilidade. Se uma mulher se diverte muito, ela é ridicularizada por falta de feminilidade. Assim, fica claro que uma das exigências da feminilidade é manter-se dentro de limites e comportar-se como uma boneca dócil. Esse é o caso no Japão. (YOSANO, 1985 apud COPELAND, 2006, p. 42, tradução nossa)

Mulheres que escreviam ou se comportavam de uma forma que não fosse considerada convencional tornavam-se alvos de preconceitos. Ser “feminina” ainda era associado a adjetivos como “modéstia” e “gentileza”. Quando Kazuko, no conto de Dazai, torna-se conhecida por seus textos, ela é ridicularizada por suas amigas e isso a mortifica. Ela não queria ser considerada superior ou melhor do que ninguém, queria viver em casa e cuidar da família. Seu universo era restrito à escola e à família e, quando sua mãe e seu tio procuram incentivá-la a tornar-se uma escritora, ela se recusa, fica assustada com a perspectiva de ser o centro das atenções.

O conflito do conto se dá nesse embate de visões sobre o que seria apropriado ou não que Kazuko fizesse. Os membros de sua família têm opiniões diferentes e ela se sente culpada por ser o estopim das discussões entre seus pais:

– Talvez seja estupidez minha, mas quando a Kazuko é elogiada dessa maneira por um professor renomado, sinto-me lisonjeada. Se for um talento que possa ser desenvolvido, por que não desenvolvê-lo? Você sempre me repreende, mas será que não está sendo muito inflexível? – Falou rapidamente e deu um leve sorriso.

Meu pai colocou o ohashi sobre a mesa.

– De que adianta desenvolvê-lo? É perda de tempo! O talento literário de uma mulher não tem valor. É um alvoroço momentâneo despertado pela curiosidade que depois arruína uma vida inteira. A própria Kazuko está assustada. A melhor coisa para uma mulher é casar e tornar-se uma boa mãe. Vocês a usam para satisfazer suas vaidades e ambições – disse, em tom professoral. (DAZAI, 1941, p. 12-13, tradução nossa)

O pai de Kazuko compartilha a opinião ainda comum de que as mulheres não deveriam escrever, que a escrita não passava de um capricho quando praticada por uma mulher. Enquanto isso, sua mãe e seu tio acreditavam que não havia mal algum no fato de uma mulher se dedicar à literatura, no entanto, essa opinião não era livre de interesses, pois tanto sua mãe quanto seu tio viam, no sucesso de Kazuko, uma forma de compensar suas próprias frustrações.

Sua mãe lhe diz que os tempos eram outros e que ela não precisava ficar dentro de casa, ela desejava uma vida diferente da sua para a filha. Já seu tio desejava que ela escrevesse porque ele próprio um dia tivera o sonho de tornar-se escritor.

Kazuko resiste e considera a opinião de seu pai a mais sensata. No entanto, depois que termina a escola secundária, algo estranho ocorre. As coisas de que gostava antes, como cuidar da casa, do jardim e ajudar seu irmão com os estudos, parecem-lhe estúpidas. Agora ela deseja escrever, mas não sabe mais como. Quando ela mostra um texto que escreveu ao seu tio, ele sequer termina de lê-lo e diz que estava na hora de ela desistir de virar escritora. Até sua mãe diz que lhe faltava determinação e menciona o exemplo de Kaga no Chiyojo, uma poetisa do século XVIII, que passara uma noite inteira refletindo para compor um *haiku* cujo tema era o cuco.

Quando era mais jovem, Kazuko desejava ser uma garota comum, no futuro, seria dona de casa como sua mãe. Naquela época, ela não contemplava uma vida diferente, seu universo era limitado à existência em família, ela não queria chamar a atenção para si, não desejava escrever apesar de várias pessoas dizerem que aquela era a sua vocação. Adulta, ela se descobre presa em uma existência que considera monótona e lamenta não ter se dedicado à escrita. Ela não deseja mais ser igual à sua mãe, ser uma “boa esposa e mãe sábia”, quer algo mais. Escrever passa a ser a sua tábua de salvação, uma forma de se afirmar. Seu temor é não ter o talento necessário para fazer isso. Entretanto, ela ainda sente que havia algo bom em seu interior, algo “persistente, negro, firmemente enraizado” à espreita, à sua espera, e que lhe dava esperanças:

As mulheres não têm salvação. Ou talvez eu é que não tenha salvação. Estou convencida de que não tenho salvação. Apesar disso, bem lá no fundo de meu coração, sinto que ainda há algo bom em mim. Algo persistente, escuro, firmemente enraizado está à espreita, à minha espera. Isso me deixa confusa. Parece que há uma panela enferrujada sobre a minha cabeça, sinto algo pesado e insuportável sobre mim. Com certeza, estou louca. Estou realmente louca. Completarei dezenove anos no próximo ano. Não sou mais uma criança. (DAZAI, 1941, p. 2, tradução nossa)

O texto de Dazai reflete um momento de mudanças na forma de considerar o papel das mulheres na sociedade. Apesar de o governo pregar a ideologia de que elas serviriam ao país sendo “boas esposas e mães sábias”, o aumento do nível de instrução, a publicação de revistas femininas, a urbanização e as próprias ideias trazidas do Ocidente fizeram com que as japonesas passassem a questionar sua identidade e os valores que dirigiam suas vidas.

Bibliografia

- COPELAND, R. L. (Ed.). **Woman Critiqued**: translated essays on Japanese women's writing. Honolulu: University of Hawai'i Press, 2006.
- DAZAI, O. Chiyojo. in: **Dazai Osamu Zenshû**, vol 4, 1988. Disponível em <http://www.aozora.gr.jp/cards/000035/files/248_20043.html> Acesso em Nov de 2015.
- LIPPIT; N. M.; SELDEN, K. I. **Japanese Women Writers**: twentieth century short fiction. New York: Routledge, 1991.

LOWY, D. **The Japanese “New Woman”**: Images of Gender and Modernity. New Brunswick: Rutgers University Press, 2007.